

A vivência emocional de adolescentes vítimas de violência sexual por intermédio dos Desenhos-Estórias: um estudo de caso no contexto judiciário

*Amanda Carollo Ramos da Silva**

*Jorge Luís Ferreira Abrão***

Resumo

Este trabalho objetiva compreender, a partir da perspectiva psicanalítica, a experiência emocional de adolescentes, que vivenciaram situações de violência sexual, por intermédio do procedimento de Desenhos-Estórias. São apresentadas questões teóricas sobre a violência sexual contra crianças e adolescentes e, em seguida, recortes da teoria psicanalítica sobre os possíveis impactos emocionais desta vivência. O método utilizado é o estudo de caso e é apresentada a análise dos materiais produzidos por uma adolescente, durante a realização da entrevista prévia ao depoimento especial, em âmbito judiciário. Evidenciou-se, a partir da análise do caso, o estado de desamparo da adolescente em relação às figuras parentais e a falha em seu ambiente original. Observou-se que a vivência de situações de violência impactou de forma significativa a constituição subjetiva da adolescente, embora esta tenha demonstrado recursos emocionais para elaborar e dar sentido às situações sofridas.

Palavras-chave: procedimento de desenhos-estórias; Psicologia Jurídica; violência sexual.

Adolescent victims of sexual violence: a case study of the emotional experience in the judicial context through Drawing-Story Procedure

Abstract

This article aims to demonstrate from the psychoanalytic viewpoint the emotional experience of adolescents who have experienced sexual violence situations, through the Drawing-Story procedure. Theoretical questions about sexual violence against children and teenagers are presented, followed by excerpts from psychoanalytic theory on the emotional impacts of this experience. The method used is the case study and the analysis of the materials produced by a teenager is presented, during the interview prior to the special testimony, in the judicial sphere. Based on the case analysis, the adolescent's state of helplessness in relation to parental figures and the failure in her original environment became evident. It was observed that the experience of violence significantly impacted the adolescent's subjective constitution, although she demonstrated emotional resources to elaborate and give meaning to the situations suffered.

Keywords: drawing-story procedure; Juridical Psychology; sexual violence.

* ORCID iD <https://orcid.org/0000-0001-9791-3671> . Universidade Estadual Paulista - UNESP Assis/ Doutoranda. amanda.carollo@unesp.br .

** ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-3069-2285> . Universidade Estadual Paulista - UNESP Assis/ Professor Titular. jorge.abrao@unesp.br .

Introdução

O presente artigo tem como objetivo abordar, a partir da perspectiva psicanalítica, as experiências emocionais de adolescentes que vivenciaram situações de violência sexual, em um contexto de intersecção entre a Psicologia e o Judiciário, utilizando-se, para tanto, do método de estudo de caso.

A perspectiva jurídica enquadra a violência sexual contra crianças e adolescentes, a partir do Código Penal Brasileiro, como o crime de estupro de vulnerável, e seu olhar se direciona para a investigação e a penalização do agressor, caso julgada a ocorrência do crime. No rito processual, as crianças e os adolescentes, vítimas ou testemunhas, têm o direito de prestar depoimento e, neste cenário, a partir da Lei n.º 13.431 de 04 de abril de 2017, os psicólogos judiciários passaram a ser demandados a intermediar a escuta do público infantojuvenil, valendo-se do procedimento de depoimento especial.

Sabe-se que o impacto emocional decorre não apenas da experiência da violência em si, mas também dos procedimentos a que crianças e adolescentes são submetidos, subsequentes a uma denúncia. A Psicologia, com sua noção de cuidado, no entanto, não estaria apenas facilitando uma comunicação, estaria também voltada à proteção emocional de crianças e adolescentes em sua experiência no âmbito judiciário.

Neste contexto, com a finalidade de estabelecer um contato prévio com crianças e adolescentes antes da realização do depoimento, minimizando seu caráter invasivo e criando um espaço de acolhimento e elaboração, o procedimento de Desenhos-Estórias mostra-se uma ferramenta adequada. A escolha por essa técnica se fundamenta na amplitude e na abrangência de sua utilização clínica e não clínica, na rapidez e facilidade de sua aplicação e na possibilidade de acessar, de forma indireta, os conteúdos psíquicos e os pontos de conflito do examinando, ao mesmo tempo em que propicia a ele a elaboração simbólica de suas vivências.

Para fins de organização deste trabalho, inicialmente, caracteriza-se o fenômeno da violência sexual contra crianças e adolescentes, além de serem apresentadas questões sobre os possíveis efeitos psíquicos de uma vivência traumática para quem a experencia, para, então, na sequência, adentrar no método, na apresentação do caso e sua análise.

1. A violência sexual contra crianças e adolescentes: caracterização, trauma e impactos psíquicos

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a violência sexual como o envolvimento de uma criança em atividades sexuais, que ela não compreende em sua totalidade, para a qual não é capaz de dar seu consentimento, não está preparada em termos desenvolvimentais

ou, ainda, que viola leis ou tabus da sociedade (WHO, 2006). É um fenômeno de grande ocorrência no escopo de violência contra crianças e adolescentes, considerando que se configura por uma diversidade de práticas sexuais.

Araújo (2002, p. 5) aponta que “o abuso sexual infantil é uma forma de violência que envolve poder, coação e/ou sedução”, abarcando duas desigualdades básicas: a de geração e a de gênero. Isto é, crianças e adolescentes pertencem à categoria sujeita ao poder do mais velho sobre o mais novo e do masculino sobre o feminino. Em geral, a violência ocorre sem o uso de força física, sem deixar marcas visíveis, o que desafia sua comprovação, especialmente quando envolve crianças pequenas.

Quanto a estatísticas, em relatório apresentado pela UNICEF (em inglês, *United Nations Children's Fund*), é apontado que, entre os anos de 2017 e 2020, foram registrados, no Brasil, 179.277 casos de estupro ou estupro de vulnerável com vítimas de até 19 anos de idade. Destes, 81% tinham até 14 anos de idade, o que significa 36 mil estupros de meninas e meninos até essa faixa etária, por ano – cerca de cem por dia. Neste panorama sobre a violência, é indicado que a grande maioria das vítimas de violência sexual é menina – quase 80% do total – sendo a idade mais frequente entre 10 e 14 anos (47%). A maioria dos casos ocorre no ambiente doméstico e, nos registros em que há identificação do autor da violência, 86% eram conhecidos das vítimas (UNICEF, 2021).

O abuso sexual intrafamiliar, conforme apontam as estatísticas, é mais prevalente se comparado àquele perpetrado por pessoas sem vínculos com a vítima. Remete, portanto, ao incesto, que se trata do relacionamento sexual entre membros de uma mesma família, considerando aqui não apenas a consanguinidade, mas a função social exercida pelas pessoas desse grupo (Cohen & Gobbetti, 2016). Nestes casos, Araújo (2002) assinala que o autor do abuso sexual impõe a lei do seu desejo e transgride a lei cultural, que proíbe relações incestuosas.

De acordo com Corso e Corso (2006, p. 100), “abusar é confrontar a criança com algo muito maior do que ela possa elaborar [...] o assédio sexual do adulto sobre uma criança materializa algo que, na mente infantil, não passa de um conglomerado confuso de hipóteses, imagens, fantasias e sensações”. Diante da impossibilidade de elaboração, a vivência de um abuso sexual remete a um trauma.

Para a perspectiva psicanalítica, o trauma está relacionado não somente a um evento externo, mas principalmente em como a vivência deste se relaciona aos aspectos internos do sujeito e como este foi percebido pelo indivíduo (Margarim & Benetti, 2010). Encontra-se, assim, elucidação para a prerrogativa de uma mesma situação afetar e trazer consequências emocionais em intensidades diferentes para cada indivíduo: o impacto psicológico é muito particular, variável e subjetivo.

A percepção do abuso sexual e os efeitos decorrentes variam conforme a idade da vítima, a duração do abuso, o grau de violência, a relação entre vítima e agressor, ameaças que tenha sofrido, a presença de referências parentais protetoras, dentre outros (Malgarim & Benetti, 2010). De qualquer forma, tais autores apontam que, em casos de abuso sexual, “é possível identificar que vivências concretas de experiências sexuais abusivas [...] são situações extremamente traumáticas e com consequências importantes no processo de desenvolvimento psíquico do sujeito” (Malgarim & Benetti, 2010, p. 131), considerando que os atos abusivos envolvem violência, sedução e quebra de valores universais (Pacheco & Malgarim, 2012).

Anne Alvarez (2020), psicanalista canadense contemporânea, considera que a trajetória de desenvolvimento de crianças que sofreram abuso difere significativamente de crianças mais protegidas. Um dos pontos trazidos por ela é o de que a criança pode vivenciar um “deslocamento” do trauma original diante de qualquer sinal de intrusão, mostrando-se assim maior sensibilidade e irritabilidade. Segundo a autora, “o processo de aprender a aceitar a dor, a perda, o trauma ou o abuso é complicado, longo, nem sempre visível e certamente não necessariamente verbalizado” (Alvarez, 2020, p. 241).

A psicanalista argentina Susana Toporosi (2022), também contemporânea, indica que, diante de um acontecimento gerador de um trauma, produz-se uma alteração na forma de fazer relações na psique – a atividade simbólica permanece fraturada. Faz uma analogia dos efeitos do trauma com a passagem de um vendaval, que deixa pedaços quebrados, espalhados e esparramados. Aponta que, no atendimento a essas crianças e adolescentes, na maioria dos casos, não haverá um relato, uma brincadeira ou um desenho da experiência traumática como simbolização do ocorrido. No entanto, presentificam-se os “pedaços” que permanecem remoinhando, tal como se o vendaval continuasse soprando a partir de dentro do aparelho psíquico.

No processo de processamento psíquico da experiência abusiva vivenciada, Toporosi (2022) pontua a importância da formalização de denúncia da violência, que possibilita que o direito social atue onde a lei simbólica falhou. Além do registro da denúncia, a autora chama a atenção para a importância da condenação de quem provocou o sofrimento. Esse processo, contudo, não ocorre isento de um medo de vingança - a figura agressora pode se tornar, na percepção da criança e do adolescente, um perseguidor que se vingará após cumprir sua pena.

2. Método

Para atingir o objetivo de abordar as vivências emocionais de adolescentes vítimas de violência sexual em âmbito judiciário, elegeram-se o estudo de caso como método.

O Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo recomenda como ato integrante do procedimento de depoimento especial, estabelecido pela Lei n.º 13.431/2017, que seja realizada uma entrevista prévia para avaliação da família e da criança/adolescente. Tem-se como um de seus objetivos avaliar a capacidade emocional e cognitiva da vítima em verbalizar sobre a violência sofrida e, consequentemente, a pertinência de seu encaminhamento para participar da oitiva judicial. Neste cenário, no cotidiano profissional dos autores, conforme rotina de atendimentos, fez-se possível acessar o caso aqui analisado. Cabe apontar que a presente pesquisa foi autorizada pela Corte paulista, além de ter sido aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

Utilizou-se como instrumento, neste contexto, o procedimento de Desenhos-Estórias, concebido como um método da Psicologia que possibilita o acesso à condição psicodinâmica do indivíduo nas mais variadas situações da vida humana. Tal procedimento consiste numa série de desenhos livres (cromáticos ou acromáticos), seguidos, cada qual, de uma estória associada livremente, logo após a produção do desenho. Concluído o par desenho-estória, são feitas perguntas de esclarecimento, fase esta denominada “inquérito”, além de solicitar um título para a estória. Esse processo assim se repete até a conclusão de até cinco unidades de produção (Trinca, 2013a).

Segundo Tardivo (2020, p. 68), o procedimento de Desenhos-Estórias “é de grande valor para a detecção dos componentes das experiências subjetivas”. Neste sentido, a interpretação dos Desenhos-Estórias objetiva, a partir da perspectiva psicanalítica, elucidar o sentido inconsciente das comunicações gráfico-verbais. Personagens, enredos e cenários das unidades de produção são representações simbólicas, tal como as despertadas nos jogos e brincadeiras infantis, sendo sua interpretação uma decodificação da linguagem do inconsciente (Trinca, 2013b).

Trinca (2020) indica que a comunicação inteligível produzida no conjunto das unidades de produção, globalmente inteiriça, seja analisada de acordo com o método da interpretação dos sonhos. De acordo com o autor, as produções gráfico-verbais podem se relacionar ao conteúdo manifesto dos sonhos, e o conjunto de sentidos inconscientes podem ser interpretados tal como os conteúdos latentes dos sonhos. Nesse processo, faz-se possível observar a atuação dos mecanismos de condensação e deslocamento, propostos por Freud (1900/2019), além de simbolismos, dispersões, dramatizações e personificações, dentre outros fenômenos possíveis de serem analisados sob o referencial freudiano, conforme aponta Trinca (2013b).

Para a análise dos dados produzidos, é utilizada a livre inspeção, na qual se privilegia o acompanhamento livre das associações entre produções gráficas e produções verbais,

buscando apreender os aspectos que se sobressaem. Em geral, pode-se observar uma continuidade da comunicação inconsciente na sequência de desenhos e estórias produzidos, e isto deve ser considerado (Trinca, 2013b).

Na sequência, apresenta-se o caso, cabendo ressaltar que os devidos cuidados éticos foram tomados, a fim de preservar o sigilo e, de modo fictício, a adolescente será chamada de Sara.

3. Apresentação do caso: História e Estórias de Sara

A exposição do caso está organizada da seguinte forma: em um primeiro momento, é feita uma breve contextualização sobre a história de Sara: a violência sexual denunciada e as percepções da adolescente e de seu ambiente sociofamiliar – dados estes obtidos a partir da entrevista prévia ao depoimento especial. Na sequência, são apresentados os desenhos produzidos (Figuras 1 a 4), seguidos, cada qual, de trechos das estórias elaboradas por ela (Tabelas 1 a 4).

Sara, com 13 anos e 11 meses na data do atendimento, teria sido abusada sexualmente pelo ex-padrasto aos nove anos de idade. Na ocasião, Sara teria ido passar o final de semana com os irmãos na casa dos avós afetivos (pais do denunciado). O ex-padrasto residia em outro município e teria ido visitar a família em sua cidade natal. O abuso sexual, segundo relato da adolescente, aconteceu durante a madrugada, quando já os irmãos e ela dormiam. O ex-padrasto, embriagado, deitou ao seu lado e começou a acariciá-la. Sara relatou que teria acordado a irmã, a fim de que ela presenciasse o que estava acontecendo, pedindo, no entanto, que a irmã ficasse em silêncio.

A adolescente reside com os avós maternos em uma cidade de pequeno porte. É a filha primogênita, por parte de mãe, tendo outros três irmãos mais novos, com quem demonstrou ter convívio próximo. Mencionou não ter contato com o pai, afirmando inclusive não receber suporte financeiro do genitor. Frequenta a escola e participa de projetos de música e dança. Adora cavalos e relatou ter um potro.

Sara compareceu para o atendimento acompanhada pela genitora e pela irmã caçula. Mostrou-se comunicativa, apresentando um discurso fluido e espontâneo, tanto sobre atividades cotidianas e de seu interesse, quanto sobre a situação do abuso sexual. Durante a entrevista prévia, mesmo não tendo sido solicitada a falar sobre a violência, Sara quis fazer seu relato.

Quanto a possíveis consequências do abuso sexual, a genitora observou que Sara se mostra uma adolescente desconfiada, que não se sente à vontade em se aproximar de pessoas do sexo masculino. Sara passou por acompanhamento psicológico por cerca de dois anos.

A seguir são apresentados os desenhos e as estórias produzidas pela adolescente.



Figura 1 - A família quase feliz

Fonte: Primeiro desenho de Sara no D-E.

Tabela 1 - Primeira estória

Eu... fiz esse desenho... pensando na última casa que a minha mãe morou [...] do lado, tinha uma área que a gente colocava a galinha, que tinha pintinho, a gente criava galinha. Aí, a gente tinha um terreiro no fundo, e colocava a galinha e os galos. E... eu cheguei a morar com a minha mãe nessa casa. Aqui é a minha mãe, eu e meus irmãos.. E... lá... minha mãe não ficou com nenhum homem e era muito bom. A gente vivia feliz lá. (E você comentou que sua mãe não ficou com nenhum homem?) É... (E você disse que isso foi bom pra você?) Foi... Aí, minhas irmãs, meus irmãos ficavam com meu avô, quando minha mãe e eu ia trabalhar. Naquele tempo, minha mãe trabalhava na roça de amendoim. Aí, eu lembro que ela chegou falando que tinha um menino de 13 anos trabalhando na roça, aí eu fiquei interdada e pedi pra ela... e ela falou que eu não ia aguentar e tals... só que era roça de amendoim... até que eu expliquei pra ela e ela deixou eu ir. Aí eu fiquei uns três meses indo pra roça. [...] Ia com a minha mãe e eu recebia meu salário sozinha. Não recebia metade, recebia igual todo mundo, igual aos homens, igual as mulheres recebiam. Achava isso muito legal, porque normalmente tem muita desigualdade social, sabe? Criança recebe menos, mulher recebe menos que um homem, mas lá não. Lá todo mundo era amigo, ajudava um ao outro, e recebia todo mundo igual. (Entendi. Se fosse dar um nome pra essa estória, qual seria?) "A família quase feliz".

Primeira estória de Sara no D-E.



Figura 2 - Um dos piores momentos da vida da minha mãe

Fonte: Segundo desenho de Sara no D-E

Tabela 2 - Segunda estória

Tudo o que eu tô contando... é... tudo real. (...) É... aqui, eu via essa casa como uma prisão pra minha mãe e pros meus irmãos, porque ele (ex-padrasto) não deixava ninguém sair. (...) Na rua de trás, tinha a casa do ex-namorado da minha mãe, que... ele colocava... isso aqui é uma cadeira, não sei se dá pra perceber... Aqui são os muros. Ai, ele colocava uma cadeira aqui pra ficar vendo, quando tinha “rolo” entre os moradores de rua. Ele pegava um pau, mais ou menos assim, cheio de prego, subia na cadeira, pulava o muro e batia em todo mundo. E essa cadeira aqui, era a cadeira que minha mãe tentava, tentava, né, falar pra ele parar, que tava machucando. E... aqui é... eu e meu vô, lá na casa dele, preocupada com a minha mãe. (O ex-padrasto que você fala, quem que é?) É... o... calma... como é o nome dele? [...] Nossa, tava com o nome dele até agora... É o... Você quer que eu pergunte para a minha mãe? (Não, não tem problema). [...] Quando a minha mãe saía de casa, ele ficava com ciúmes e batia na minha mãe... [...] como que é o nome dele? Esqueci o nome dele. Não gosto de lembrar o nome dele, por isso que não consigo lembrar rápido. [...] Ah, Ivo, lembrei. [...] Ele vivia batendo na minha mãe. (E... o que mais acontece nesta estória, Sara?) Quando ele ia bater na minha mãe, a gente trancava os portões. Só que como ele morava atrás e o muro era alto, sabe? Ai, ele subia no muro mais baixo e no muro mais alto, e vinha pelo telhado de casa. [...] E aí, quando meu avô chegava lá, ele fingia que não tinha batido na minha mãe e falava que era tudo mentira. Mas minha mãe tava toda machucada, então, não tinha como mentir, né... [...] (E você falou que ele subia aqui pra ver, na cadeira, e sua mãe subia na cadeira...) Do lado, pra impedir. (E ela conseguia?) Não, ele só ficava batendo. (E qual o nome desta estória?) Eu não sei. Acho que “Um dos piores momentos da vida da minha mãe”.

Fonte: Segunda estória de Sara no D-E.



Figura 3 - Quando eu crescer

Fonte: Terceiro desenho de Sara no D-E.

Tabela 3 - Terceira estória

É... eu e a minha irmã... acho que alguns dias antes daquilo acontecer [suponho que ela se referiu ao abuso sexual]... e aí... a gente tava conversando sobre cavalos e tals... Naquela época, a minha avó ia comprar um potro pra mim, um potro chucro, porque meu sonho é domar um cavalo desde pequena, sabe? Então, a gente ia comprar um potro chucro pra mim, pra mim ir domando ele. E aí eu conversei com ela, e ela dizia assim que queria muito muito muito ir morar em um sítio com o cavalo manga-larga marrom e cavalgar com ele com uma sela vermelha e ela combinando. Ai eu falei pra ela que, quando eu crescer, né, eu ia ter um sítio e ia levar ela pra morar comigo, sem homem nenhum. O único homem que iria ou iria ser meu vô ou ninguém mais. Ou meu padrinho. [...] Ai eu fiz uma promessa pra Nossa Senhora Aparecida, que se um dia eu tiver meu sítio, meu sítio mesmo, sabe? Sem ser sítio alugado. Eu ia fazer uma ONG atrás de cachorro ou uma ONG de cavalo... por isso que eu não fiz casinha... fiz só isso aqui pra falar que é um estábulo ou casinhas mesmo. (Esse é o sítio dos seus sonhos, então?) É. (Muito legal. E como termina esta estória?) Ou termina eu e a minha irmã no sítio... ou eu levando a minha mãe pra morar no sítio com a gente. (E qual é o título desta estória?) “Quando eu crescer”.

Fonte: Terceira estória de Sara no D-E.

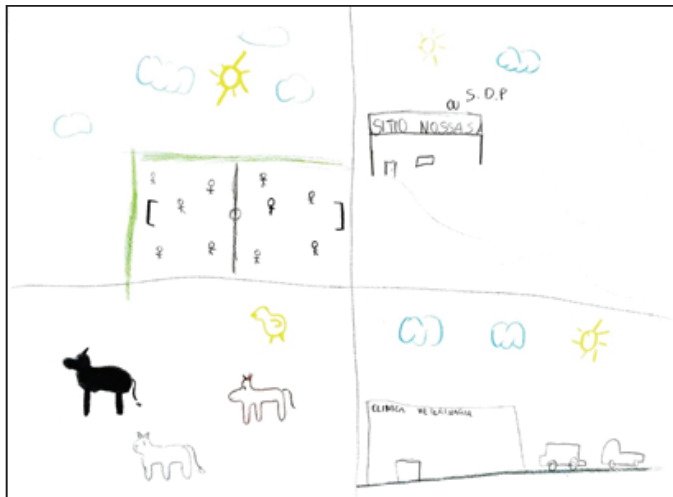


Figura 4 - Meu sonho

Fonte: Quarto desenho de Sara no D-E.

Tabela 4 - Quarta estória

Esse aqui é tipo... uma lista de sonhos e coisas que eu quero fazer antes de eu morrer. A primeira coisa é abrir minha clínica... não... a primeira coisa é fazer meu curso de veterinária e abrir uma clínica agropecuária, que eu já tô planejando... acho que vou começar a fazer no 1º colegial, que eu vou entrar pela agrícola. E... o segundo é abrir minha clínica veterinária. Depois, o meu sítio, que vai se chamar "Sítio de Nossa Senhora Aparecida" ou "Sítio SDP", que seria Sítio Santa...é...esqueci...Sítio Padroeira...ab...esqueci! E o outro é ver meu irmão... é... num estádio, jogando bola. Ele sempre quis ser jogador. Ou só jogando bola mesmo, tipo em um campeonato. Eu sempre quis ver ele fazendo isso. (E qual o título desta estória?) É... "Meu sonho".

Fonte: Quarta estória de Sara no D-E.

4. Discussão do caso

Durante a aplicação do procedimento de Desenhos-Estórias, Sara mostrou-se interessada e concentrada na atividade, não apresentando hesitações quanto à produção dos desenhos ou às estórias subsequentes. É interessante observar a concretude em suas produções, principalmente nas duas primeiras, que, segundo a adolescente, retratam situações vivenciadas no núcleo familiar: "Tudo o que eu tô contando... é... tudo real". Por intermédio de suas produções, Sara conta sobre fatos e situações de sua vida. Mesmo nas duas últimas unidades, em que projeta seus anseios, e, em algum grau, suas preocupações, identifica-se que o uso do recurso da fantasia é moderado: ao tratar de seus sonhos, a adolescente traz projetos concretos.

Neste processo, observa-se o seguinte movimento psíquico: Sara inicia a atividade de modo ameno e estruturado, trazendo uma situação "quase feliz"; na sequência, aproxima-se de um tema mobilizador de angústias, no qual acontecem os "piores momentos da vida", para, finalmente, concluir, demonstrando uma organização e elaboração psíquicas, a partir de seus planos para "quando crescer" e de seus "sonhos" para a vida adulta. Apesar de as unidades de produção serem independentes, faz-se possível acessar a característica unitária dessa comunicação. Conforme aponta Trinca (2020, p. 233), "as partes convergem para o todo e resolvem-no no todo. A inteireza dessa comunicação é um assunto fascinante". (Trinca, 2020, p. 233).

Embora o conteúdo manifesto das unidades de produção, de forma geral, diga respeito à sua percepção sobre seu contexto familiar, em especial sobre a figura materna, e às suas perspectivas futuras, é possível associá-lo ao conteúdo latente: a vivência de situações de desproteção e as implicações subjetivas decorrentes dessa. Analisando o material dos Desenhos-Estórias, o que se evidencia é o estado de desamparo da adolescente em relação às figuras parentais e, recorrendo a Winnicott (1965/1983), a falha em seu ambiente original. A figura materna é percebida como passiva e impotente, e, neste contexto, Sara se coloca na posição de exercer os cuidados e de ser a pessoa que protege a família.

A partir da inspeção das unidades de produção, atrelada ao breve histórico de vida conhecido, tem-se acesso ao dado de que a genitora de Sara vivenciou relacionamentos conjugais abusivos, podendo-se inferir uma tendência da mãe em repetir esse padrão de relação com pessoas agressoras. Nota-se, inclusive, que a denúncia de abuso sexual sofrido pela adolescente envolve um ex-companheiro de sua genitora, que teria sido o perpetrador da violência. Assim, há a percepção de que a mãe de Sara repete, possivelmente de forma inconsciente, um padrão de se aproximar de homens abusadores, tal como aponta Freud (1914/2010) sobre o mecanismo da repetição: "Ele não o reproduz como lembrança, mas como ato, ele repete, naturalmente sem saber o que o faz" (Freud, 1914/2010, pp. 199 – 200). Sara, no entanto, diferente de sua genitora, mostra-se observadora, consciente e julgadora.

Logo na primeira unidade de produção, a adolescente representa o período em que morou com a mãe e os irmãos, cerca de um ano, referindo-se de forma positiva a esse tempo, explicitamente pelo fato de a genitora não ter se relacionado afetivamente com nenhum homem. Neste

desenho-estória, Sara, com sua sagacidade, representa a genitora com os filhos, tal como a galinha deve estar com seus pintinhos, em espaço separado do galo. Aqui, a adolescente já dá indícios de entender o exercício da protetividade intimamente relacionado ao distanciamento de pessoas do sexo masculino.

Sara conta, na segunda unidade de produção, sobre as agressões do ex-padrasto Ivo contra os vizinhos, que seriam pessoas em situação de rua, e a tentativa de sua genitora de apartar a situação: “minha mãe tentava, tentava, né, falar pra ele parar, que tava machucando”. Na sequência, ao se detalhar a estória, conta que a própria genitora era vítima de violência doméstica, sofrendo agressões perpetradas pelo parceiro – no desenho, inclusive, a mãe está representada com manchas vermelhas, tal como se tivesse acabado de sofrer uma violência física.

Ao falar sobre a relação abusiva vivenciada pela genitora, a adolescente fala também sobre sua exposição à violência testemunhal. Sendo esta uma modalidade específica da violência doméstica, a violência testemunhal é entendida como toda violência que ocorre entre cônjuges, presenciada direta ou indiretamente pelos filhos. Segundo Pinto Junior e Tardivo (2015, p. 66), “a criança exposta à violência testemunhal é aquela que viu, ouviu um incidente de agressão a um dos cônjuges, viu o seu resultado ou vivenciou o seu efeito na interação com seus pais ou responsáveis”. (Pinto Junior e Tardivo, 2015, p. 66).

Nesta segunda unidade de produção, apesar de se observar uma linha separando os terrenos dos imóveis, sendo relatado por Sara se tratar de um muro separando as casas, pode-se pensar que este, em nível psíquico, é tênue ou inexistente. Ivo, ao agredir as pessoas, em especial a genitora de Sara, e invadir as casas, age de forma intrusiva, tal como se não houvesse uma barreira física. A figura masculina, para a adolescente, é intrusiva, violenta e desrespeitosa, e, desse modo, seu afastamento parece se relacionar a sentimentos de segurança, bem-estar e controle.

Em um outro ponto, ainda no relato da segunda estória, Sara demonstrou dificuldades em recordar o nome do ex-padrasto. Sobre isso, recorre-se a Freud (1901/2021), que considera o esquecimento de nomes não como um evento casual, mas dotado de um significado. Ao fazer a análise de situações em que ele próprio esqueceu de nomes, o precursor da psicanálise aponta o desejo de esquecer algo e o processo de recalçamento envolvido nesse ato: “Analisando os casos de esquecimento de nomes que observei em mim mesmo, verifico quase sempre que o nome ocultado tem relação com um

tema que toca bastante minha pessoa e é capaz de suscitar afetos intensos em mim, com frequência penosos” (Freud, 1901/2021, p. 40). No caso de Sara, falar sobre o ex-padrasto é trazer à lembrança situações desagradáveis, de violência e de desproteção. Apesar de o esquecimento ser um mecanismo inconsciente, a adolescente parece ter consciente a motivação para esse ato. Ela elucidou: “[...] não gosto de lembrar o nome dele, por isso que não consigo lembrar rápido”. O que parece estar inconsciente é que, ao esquecer o nome do ex-padrasto, que personifica uma figura coletiva de agressor, é como se a adolescente tentasse eliminar todas as situações de violência vivenciadas.

A jovem deixa claro, na terceira unidade de produção, que homens não são bem-vindos em seu ambiente: “[...] e ia levar ela pra morar comigo, sem nenhum homem”, mas depois faz a ressalva: “o único homem que iria ou iria ser meu vô ou ninguém mais. Ou meu padrinho”. A restrição das pessoas que poderão entrar em seu espaço pode ser entendida como tentativa de imposição de limites e, conseqüentemente, de autoproteção. Seguindo a linha de análise apresentada, sendo a figura masculina ameaçadora e intrusiva, Sara não permitirá que essa figura entre em seu espaço, físico ou psíquico. A adolescente abre a exceção para o avô e o padrinho, demonstrando que, apesar de suas experiências negativas de violência perpetradas por homens, tem internalizada alguma referência positiva de cuidado masculino.

Observa-se que neste contexto vulnerável, desprovido de proteção parental, Sara não teve seu processo de desenvolvimento preservado, sendo levada a assumir uma independência prematura. A jovem não é tratada como uma menina de sua idade, mas como uma pessoa adulta, que pode se sustentar, objetiva e subjetivamente, não sendo poupada da realidade. Nesse sentido, Sara não tem uma idealização de sua família, uma vez que se mostra consciente de todas as situações que permeiam a vida familiar. Nota-se, tal como propõe Winnicott (1965/2011), que seu processo de desenvolvimento é invadido, levando a uma falsa maturidade.

Na primeira unidade de produção, observa-se que Sara enaltece o fato de ter trabalhado durante certo período em uma atividade rural na companhia da mãe. Frisou, com satisfação, que recebia o mesmo salário que os demais trabalhadores: “não recebia metade, recebia igual todo mundo, igual aos homens, igual as mulheres recebiam”. Ou seja, é tratada em pé de igualdade. Aqui, considerando o fato de a adolescente ter vivenciado situações de trabalho infantil, pode-se identificar, mais uma

vez, a desproteção materna, não obstante demonstre ter experienciado esse período como uma fase de autonomia e empoderamento.

Sara se sustenta não só financeira, mas também emocionalmente. Em seus desenhos e estórias, não se identifica o cuidado sendo dispensado a ela, e sim o movimento de oferecê-lo à irmã, à mãe e aos animais. Demonstra sua busca por independência, ter seu próprio sítio, “sem ser sítio alugado”, onde poderá realizar o desejo de sua irmã e poderá fazer uma ONG para cuidar de animais. Ao ser indagada sobre o desfecho dessa estória, Sara conclui: “Ou termina eu e a Nathasha no sítio... ou eu levando a minha mãe pra morar no sítio com a gente”. Observa-se que há uma inversão de papéis: a adolescente se coloca em uma posição de cuidadora e, neste momento, coloca não só a irmã, mas a mãe como uma pessoa que precisa ser cuidada.

Nesse processo, evidencia-se sua necessidade de manter o controle das situações que, porventura, ocorram em sua vida, relacionando-se o “domar” com o desenvolvimento de sua capacidade de lidar com forças externas e de impor limites. A adolescente é quem se fortalece para proteger a mãe. Verifica-se que em seu espaço, representado por um sítio, há uma clara restrição de acesso, sendo, portanto, um lugar de proteção, diferente do ambiente materno, que se relaciona majoritariamente a vivências desprotetoras.

Embora Sara tenha sido atendida em contexto judiciário em decorrência de uma denúncia na qual figura como vítima de um abuso sexual, pode-se acessar, no procedimento de desenhos-estórias, que seu desenvolvimento vem sendo permeado por diversas situações de violência e desproteções em contexto familiar, que, por conseguinte, impactam sua constituição subjetiva. A figura materna, apesar de presente, não é percebida como capaz de se proteger ou de proteger aos filhos. Ela é vista como frágil e demandante de cuidados. Em relação à figura paterna, há indícios de não haver qualquer tipo de suporte: afetivo, emocional ou financeiro. Sobre os ex-padrastos, que poderiam, de alguma forma, exercer o papel de uma referência paterna, colocam-se como agressores, intrusivos e violentos. Assim, seu lar de origem não oferece uma base segura de desenvolvimento. Os avós maternos, mesmo sem muitos detalhes a respeito deles, parecem, neste cenário, serem figuras de acolhimento e cuidado, tanto que a adolescente, de fato, vive com eles. Essa possível continência dos progenitores, que, de alguma forma, repara a falha do ambiente de origem, além do acompanhamento psicoterápico realizado

durante aproximadamente dois anos, podem ter proporcionado uma base para Sara se desenvolver. Não obstante às vivências de desproteção e aos impactos subjetivos destas, observa-se um bom prognóstico: a adolescente demonstra um movimento de organização psíquica, no qual se observa sua capacidade de reflexão e de traçar seu direcionamento futuro, em um tom profícuo e possível de ser concretizado.

Considerações Finais

O fenômeno da violência sexual contra o público infantojuvenil e as repercussões psíquicas desta vivência, potencialmente traumática, são temas de complexidade, envoltos por diversas nuances. Nesse estudo, buscou-se analisar a vivência emocional de uma adolescente vítima de abuso sexual, por intermédio do procedimento de Desenhos-Estórias, aplicado em atendimento realizado em âmbito judiciário, durante a entrevista prévia ao depoimento especial.

Diante da análise do caso, compreendeu-se que a vivência de violência, não apenas a de ordem sexual, mas também a testemunhal, impactou de forma significativa a constituição subjetiva de Sara, talvez redirecionando seu caminho e suas escolhas, mas não a paralisando. Assim, o movimento psíquico identificado mostrou-se a favor da integração das experiências vivenciadas.

Observa-se que a técnica de Desenhos-Estórias, devido à sua amplitude e adaptabilidade, é utilizada em diversas áreas, seja dentro ou fora da clínica psicológica. Sua aplicação no atendimento psicológico em contexto judiciário se mostrou uma ferramenta eficaz para propiciar ao examinando o contato com suas emoções inconscientes, permitindo inclusive observar efeitos terapêuticos advindos da execução da atividade. Ademais, identificou-se que o uso desse instrumento nos processos de avaliação psicológica, na medida em que possibilita o acesso ao mundo interno do examinando de forma não invasiva, direciona o psicólogo judiciário para uma atuação protetiva e não revitimizante.

Referências

- Alvarez, A. (2020). *Companhia viva: psicoterapia psicanalítica com crianças autistas, borderline, desamparadas e que sofreram abuso*. (G. Hirshhorn, trad.). São Paulo: Blucher.
- Araújo, M. F. (2002). Violência e abuso sexual na família. *Psicologia em estudo*, 7 (2), 3 -11. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722002000200002>
- Brasil. (2017). *Lei nº 13.431 de 4 de abril de 2017* – Estabelece o sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente vítima ou testemunha de violência e altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13431.htm>
- Cohen, C. & Gobetti, G. J. (2016). *O incesto: o abuso sexual intrafamiliar*. Dis-

- ponível em: <<http://www.usp.br/cearas/ARTIGOS/oIncestoOabusoSexualIntrafamiliar.htm>>
- Corso, D. L. & Corso, M. (2006). *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed.
- Freud, S. (2010). Recordar, repetir e elaborar. In: Freud, S. *Obras completas, volume 10, Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber")*, artigos sobre técnica e outros textos. (P. C. de Souza, trad.) (pp. 193-209). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2019). *Obras completas, volume 4, A interpretação dos sonhos*. (P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (2021). Psicopatologia da vida cotidiana. In: Freud, S. *Obras completas, volume 5, Psicopatologia da vida cotidiana e sobre os sonhos*. (P. C. de Souza, trad.) (pp. 13-376). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1901).
- Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF); Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2021). *Panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes no Brasil*. Acesso em: 01 mar. 2022. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/16421/file/panorama-violencia-letal-sexual-contra-criancas-adolescentes-no-brasil.pdf>
- Margarim, B. G. & Benetti, S. P. C. (2010). O abuso sexual no contexto psicanalítico: das fantasias edípicas do incesto ao traumatismo. *Aletheia*, 33, 123-137. Acesso em 23 mar. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942010000300011
- Pacheco, M. L. L. & Margarim, B. G. (2012). Discutindo os possíveis impactos do abuso sexual intrafamiliar na estruturação do aparelho psíquico infantil. *Revista de Psicologia da IMED*. 4 (1). doi: <https://doi.org/10.18256/2175-5027/psico-imed.v4n1p620-628>
- Pinto Junior, A. A. & Tardivo, L. S. L. P. C. (2015). Uma modalidade de violência indireta de pais contra filhos: caracterização e instrumento de avaliação. In: Tardivo, L. S. L. P. C. (Org.). *XIII Jornada Apoiar - Cuidado e prevenção em saúde mental: propostas e pesquisas*. (pp. 65-76). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo: São Paulo.
- Tardivo, L. S. L. P. C. (2020). Procedimento de Desenhos-Estórias: diferentes formas de interpretação. In: Trinca, W. (Org.). *Formas lúdicas de investigação em psicologia: procedimento de desenhos-estórias e procedimento de desenhos de família com estórias*. (pp. 67 – 85). São Paulo: Vetor.
- Toporosi, S. (2022). *Em carne viva: abuso sexual de crianças e adolescentes*. (T. M. Zalcberg, trad.). São Paulo: Blucher.
- Trinca, W. (Org.) (2013a). Apresentação do Procedimento de Desenhos-Estórias. In: W. Trinca (Org.), *Formas compreensivas de investigação psicológica: procedimento de desenhos-estórias e procedimento de desenhos de família com estórias*. (pp. 11 – 30). São Paulo: Vetor.
- Trinca, W. (Org.) (2013b). Base da interpretação psicanalítica do Procedimento de Desenhos-Estórias. In: W. Trinca (Org.), *Formas compreensivas de investigação psicológica: procedimento de desenhos-estórias e procedimento de desenhos de família com estórias*. (pp. 97 – 126). São Paulo: Vetor.
- Trinca, W. (2020). Reflexões sobre o D-E. In: Trinca, W. (Org.). *Formas lúdicas de investigação em psicologia: procedimento de desenhos-estórias e procedimento de desenhos de família com estórias*. (pp. 231 – 237). São Paulo: Vetor.
- WHO - World Health Organization. (2006). *Preventing child maltreatment: a guide to taking action and generating evidence*. Genève: WHO.
- Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação*. (I. C. S. Ortiz, trad.). Porto Alegre, RS: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1965).
- Winnicott, D. W. (2011). *A família e o desenvolvimento individual*. (M. B. Cipolla, trad.). (4a ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1965).

Submetido em: 12-4-2023

Aceito em: 20-9-2023